

Yo soy brasileño, tu és paraguaio: identidade nacional e local de estudantes na fronteira Brasil-Paraguai

I am brazilian, you are paraguayan: national and local identity of students on the Brazil-Paraguay border

Soy brasileño, eres paraguayo: identidad nacional y local de estudiantes en la frontera Brasil-Paraguay

Recebido: 27/02/2022 | Revisado: 10/03/2022 | Aceito: 16/03/2022 | Publicado: 24/03/2022

Rogério Zaim-de-Melo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0365-6000>
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil
E-mail: rogeriozaim@gmail.com

Deyvid Tenner de Souza Rizzo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9622-9816>
Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil
E-mail: deyvdrizzo@ufgd.edu.br

Carlo Henrique Golin

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0365-6000>
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil
E-mail: carlo.golin@ufms.br

Marco Aurélio Machado de Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3749-6030>
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil
E-mail: marco.cpan@gmail.com

Ágata Cristina Marques Aranha

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3593-0825>
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
E-mail: aaranha@utad.pt

Resumo

Partimos de uma noção ampliada de fronteira, uma vez que a questão da sua localização, em seus sentidos simbólicos e imaginários, ganha contornos muito mais complexos do que aqueles normalmente notados através das linhas demarcatórias, fruto de diversas histórias envolvendo as nações. O presente artigo objetiva apresentar como estudantes do ensino fundamental percebem a relação entre identidade local (fronteiriça) e identidade nacional (brasileira ou paraguaia). Realizou-se uma pesquisa qualitativa do tipo descritiva, tendo como principal instrumento para produção de dados um questionário (semiestruturado) aplicado a 66 discentes do ensino fundamental II de uma escola estadual de Ponta Porã-MS, cidade que faz fronteira seca com o município de Pedro Juan Caballero (Paraguai). Na fronteira estudada formam-se várias identidades híbridas e mutáveis. As análises dos dados indicam que o ser fronteiriço se apresenta como fator identitário marcante na vida desses alunos, que possuem sua identidade nacional híbrida, sobretudo quanto ser brasileiro e/ou paraguaio.

Palavras-chave: Identidade; Hibridismo; Fronteira.

Abstract

We start from an expanded location of, since the question of your question, in its symbolic meanings of the border and imaginary, presents results much more complex than normally noticed through the demarcation lines, of stories in progress as. This article aims to present how elementary school students perceive the relationship between local (border) and national (Brazilian or Paraguayan) identity. A descriptive-type qualitative-research was carried out, an instrument for data production, a main instrument (semi-structured) applied to elementary school II in a state city of Ponta Porã, which shares a dry border with Pedro Juan Caballero (Paraguay). On the frontier, hybrids form several mutable identities. The Brazilian evaluations of the data indicate that the frontier being presents itself as a striking identity in the lives of these students, who have their hybrid identity, especially regarding their hybrid and/or Paraguayan identity.

Keywords: Identity; Hybridity; Frontier.

Resumen

Partimos de una ubicación ampliada de, ya que la pregunta de su pregunta, en sus acepciones simbólicas de frontera e imaginario, presenta resultados mucho más complejos de lo que normalmente se advierte a través de las líneas de demarcación, de relatos en curso como. Este artículo tiene como objetivo presentar cómo los estudiantes de la escuela primaria perciben la relación entre la identidad local (fronteriza) y nacional (brasileña o paraguaya). Se realizó una investigación cualitativa de tipo descriptivo, instrumento para la producción de datos, instrumento principal (semiestructurado) aplicado a la escuela primaria II en una ciudad del estado de Ponta Porã, que comparte frontera seca con Pedro Juan Caballero (Paraguay). En la frontera, los híbridos forman varias identidades mutables. Las evaluaciones brasileñas de los datos indican que el ser frontera se presenta como una identidad llamativa en la vida de estos estudiantes, que tienen su identidad híbrida, especialmente en lo que se refiere a su identidad híbrida y/o paraguaya.

Palabras clave: Identidad; Hibridación; Frontera.

1. Introdução

A fronteira é um objeto de pesquisa em diversos contextos, tendo em vista que nela diferentes relações são estabelecidas (Farinha et al., 2020; Oliveira et al., 2020). O presente trabalho de pesquisa foi desenvolvido em Ponta Porã, cidade brasileira que pertence ao estado de Mato Grosso do Sul e faz, naquela localidade, um contato especial com Pedro Juan Caballero, cidade do Paraguai. Na região, essas são consideradas, por estudiosos do tema, como cidades “gêmeas”, sobretudo devido a essa particularidade de conurbação fronteiriça.

No local estudado existem diferentes nuances socioculturais advindas das inúmeras interações/conflitos das pessoas que convivem nessa fronteira (Brasil-Paraguai). Essa diversidade acaba influenciando a dinâmica identitária local, interferindo em diferentes contextos socioculturais, como espaços de formação (escolas).

Dessa forma, o presente artigo teve como objetivo apresentar como se estabelece e se constrói a identidade local (fronteiriça) diante dessa diversidade fronteiriça internacional em fricção. O público entrevistado é composto por alunos do 7º ano do ensino fundamental de uma escola estadual, localizada próximo à fronteira (Brasil-Paraguai) da cidade de Ponta Porã.

Para tanto, dentro das limitações construtivas deste trabalho, inicialmente apresentamos as características gerais do local estudado, os elementos conceituais sobre fronteira e identidade que fundamentam o estudo. Na sequência, são expostos a metodologia e os achados da pesquisa de campo, chegando aos resultados e discussões dos dados encontrados.

2. Hibridismos, Fronteira e Pendularidade na Imigração: Desafios Metodológicos

O século XXI começou com fortes evidências de presença de crises herdadas do século anterior, que ainda não foram resolvidas. É importante mencionar e destacar a migração internacional – que aqui chamaremos de imigrações – como um dos fenômenos demográficos mais antigos da humanidade e que, a exemplo de períodos anteriores, impõe aos estados e sociedades que os recebem severas repercussões (Oliveira et al., 2017). Neste artigo comparamos o imigrante à fronteira, por considerar que suas condições são análogas. Portadores de internacionalidades, repositórios de alegações sobre ilegalidades, tensas pautas nas conversas e deliberações nas mais variadas esferas governamentais, tais categorias, mesmo sendo assimétricas, guardam muitas conjunções. Podemos afirmar que ambas compõem, de maneira binária, uma das maximizações do entendimento do Estado e da formação de uma nação.

De acordo com Sayad (1998), a migração internacional possui pelo menos duas ordens nacionais, intimamente relacionadas às nações de origem e de destino. Analisada por esse prisma, a imigração “[...] pode então ser definida como a presença no seio da ordem nacional, de indivíduos não-nacionais, e a emigração, por simetria, com ausência da ordem nacional de nacionais pertencentes a essa ordem” (p. 266). O imigrante é, portanto, um dos elementos estéticos da sociedade que o recebe, e que se manifesta em diversos aspectos, especialmente, no tocante aos sentidos jurídicos e políticos que sua posição na hierarquia social, notadamente inferior, aflora.

Podemos partir do pressuposto de que tanto o imigrante quanto a fronteira sejam expressões de soluções encontradas. Ou seja, problemas existiram antes de existirem: as motivações para a saída da terra natal, no caso do imigrante; e a formalização territorial da nação, no caso da fronteira. Ou seja, se um existe a partir da deliberação de tornar-se ausente da nação de origem (Sayad, 1998), a outra surgiu como resolução de conflitos no século XV entre Portugal e Espanha, levando ao Tratado de Tordesilhas (Vieira de Jesus, 2010).

Vale ressaltar que a emigração – condição essencial do imigrante – apenas se efetiva quando a fronteira, enquanto obstáculo ou instância, pode ser ultrapassada. Assim, destacamos a fronteira como um local privilegiado para os estudos sobre imigração, pois é nesse espaço que o processo se efetiva. Assim, é na fronteira que o sujeito sai de um país para entrar em outro, tornando-se uma pessoa internacionalizada, submetida às legislações e aos controles por parte de órgãos e autoridades das forças estatais de outra ordem, que não a de origem (Oliveira et al., 2017).

Em nossos estudos, consideramos que a fronteira se diferencia dos limites internacionais, principalmente no sentido de que a primeira é palco de vivências, experiências, conflitos e trocas, enquanto o segundo é a linha que divide, fruto de acordos internacionais (Machado, 1998). Dessa forma, também adotamos a compreensão de que fronteira e limites não são sinônimos nem no sentido político (Oliveira & Campos, 2012). A junção entre as categorias fronteira e imigração implica, metodologicamente, na realização de análises sobre os conceitos que as abrangem no sentido de destacar como a presença daqueles sujeitos acarreta transformações sociais, jurídicas, econômicas, entre outras, naquele espaço, em especial os imigrantes pendulares.

Para Michel Foucher (1991), a fronteira é uma descontinuidade geopolítica com a marcação de real, simbólica e imaginária. De acordo com este autor, a função real estaria no limite espacial, onde ocorre o exercício de uma soberania em seus próprios termos: aberto, entreaberto ou fechado. A referência simbólica condiz com a participação em uma comunidade política inscrita numa jurisdição que é a sua – que se refere à identidade. O imaginário conota relação com o Outro, vizinho, amigo ou inimigo, então a relação a si mesmo, a sua própria história e seus mitos, incluindo os destrutivos.

É importante observar que tal conceituação amplia a noção de fronteira, uma vez que a questão da sua localização, em seus sentidos simbólicos e imaginários, ganha contornos muito mais complexos do que aqueles normalmente notados através das linhas demarcatórias, fruto de diversas histórias envolvendo as nações. Dessa maneira, ainda para Foucher (1991), o método analítico deve considerar a necessidade de reconstruir o que levou aos traços identificados pelo pesquisador no primeiro momento, ou seja: a geografia, a história, a economia, por exemplo, são campos do saber que devem estar prementes na investigação sobre a fronteira.

Em outras palavras, além do sentido polissêmico, a fronteira possui a interdisciplinaridade como constituinte de sua análise. Um exemplo é a presença de marroquinos na fronteira com a Espanha, que revela o quanto a tríade trazida por Foucher se entrelaça quando a imigração pendular está estabelecida (Driessen, 1998).

É preciso considerar as estratégias utilizadas pelos imigrantes para se relacionarem com os tipos e funcionalidades administrativas que operam na fronteira. Alguns estudos sobre imigrações pendulares, como o de Hass e Fokkema (2010), indicam tais estratégias com que esses indivíduos têm que lidar para melhor manipular dificuldades, em especial as ligadas à questão documental, portanto, envolvendo direitos sociais. Estes autores observam a existência do “semi-retornado” como uma espécie de codinome ao imigrante pendular e que acaba por inseri-lo em uma complexa situação de perdas de direitos em ambos os países, uma vez que em sua terra natal ele não é mais considerado pleno cidadão, nem pelo Estado, nem por parte da sociedade.

Mendonça (2005) sugere que, ao estudar as fronteiras nacionais, é necessário olhar para duas possibilidades, definidas pela autora como: estática e dinâmica. O conceito estático diz respeito às questões territoriais do Estado, por influências limitatórias que estabelecem linearmente as fronteiras entre dois ou mais estados, que podem ser de ordem natural (limites

instituídos por rios, montanhas, etc.) e artificiais (limites baseados em uma linha imaginária, com dados geométricos, etc.), envolvendo demarcações e aspectos técnicos que desembocam em acordos e tratados internacionais. Já os aspectos da fronteira dinâmica seriam caracterizados pela sua porosidade, o que possibilita uma flexibilidade no fluxo de pessoas e da passagem natural dos outros seres vivos que habitam aquela área, dissipando o controle do fluxo pela própria característica regional da fronteira.

Essa característica do contexto da fronteira acaba forjando o “ser da fronteira”, constituindo uma identidade territorial, o que segundo Ramalho Júnior et al (2011) explicam que os fronteiriços se identificam com essa cultura plural permanentemente. Contudo, quando não existe a interação e nem identidade com a fronteira, aparecem hostilidades e antipatias.

Nesse sentido, o conceito de identidade nacional está diretamente relacionado à edificação dos Estados-Nações modernos no século XVIII. Assim, o Estado tornou-se gerente de identificação com regulamentos e controle (Cuche, 2002). A identidade nacional é um processo histórico, social, político e simbólico. Inclusive para manutenção da identidade nacional são produzidos, pelos Estados-Nações, os mais variados símbolos (bandeiras, hinos, heróis, solenidades cívicas, datas especiais para comemorações, programas escolares, etc.) a fim de se legitimar a ordem política, inculcando valores e referenciais de identidade nacional. Nesse contexto, de acordo com Cuche (2002, p. 188): “[...] a lógica do modelo do Estado-Nação leva a ser cada vez mais rígido a matéria de identidade [...]” Sob a égide de uma identidade nacional, diversas culturas, etnias e costumes são colocados de lado para a constituição de uma unidade e identificação nacional. De acordo com Hall (2006, p. 52), existe uma narrativa na construção dos Estados-Nações quando elas:

[...] fornecem uma série de estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação. Como membros de tal “comunidade imaginada”, nos vemos, no olho de nossa mente, como compartilhando dessa narrativa.

Enquanto o conceito de identidade nacional é, de certa forma, imposto para o sujeito e pautada em um sistema classificatório, o restante da sua composição identitária é constituída culturalmente e tem como peça fundamental a diferença, nesse caso aliada ao sentido subjetivo de fronteira percebida e vivida. Portanto, vale destacar que em um sistema classificatório “[...] aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la (e a todas as suas características) em ao menos dois grupos opostos – nós/eles; eu/outro [...]” (Woodward, 2000, p. 41).

A diferença pauta o conceito de identidade, seja ela relacionada à religião, orientação sexual, gênero, etnia e nacionalidade, constituindo-se, assim, a identidade social do indivíduo. O que fica evidente é que na maioria dos casos afirma-se algo para se diferenciar do outro, no sentido de (eu) ser isto e (ele) ser aquilo. Inclusive no caso das identidades nacionais, existem cobranças de várias naturezas (históricas, sociais, culturais, simbólicas, etc.) para se afirmar uma identidade, uma vez que o sentido de pertencimento a uma nação (identidade nacional) é direcionado ao sentido monolítico, ou seja, teoricamente não é permitido ser duas ou mais “coisas” (híbrido).

No caso do Brasil, aprende-se a ser brasileiro na escola. Desde cedo conhecemos os símbolos nacionais (cujos principais exemplos seriam o hino e a bandeira), aprendemos a viver sobre a égide da Constituição Federal, respeitando os costumes, os ritos, os símbolos da “cultura brasileira” que são transmitidos do em todo o território nacional. Algo que por vezes pode mascarar as dinâmicas e as diferentes identidades dos indivíduos em região com integração fronteiriça.

3. A fronteira Ponta Porã/ Pedro Juan Caballero

Segundo Nascimento (2014), a cidade brasileira Ponta Porã tem origem ao surgir um pequeno agrupamento de pessoas (urbano), denominado “Punta Porá”, região que era dominada pelo Paraguai, antes do conflito contra a Tríplice Aliança. Dados históricos apontam que após a Guerra do Paraguai começou um controle brasileiro na região que fazia fronteira com o Paraguai, incentivado também pela instituição de uma colônia militar para cuidar o território e seus limites.

Segundo o mesmo autor, a cidade de Ponta Porã era um território habitado com jurisdição secundária, isto é, um:

[...] distrito de Nioaque e, depois, ficou subordinado ao distrito de Bela Vista. Com a publicação – em 18 de julho de 1912 – do Decreto n. 617, passou à condição de município [...]. No entanto, só com a publicação do Decreto n. 820, de 29 de outubro de 1920, passou a existir oficialmente como cidade. (Nascimento, 2014, p. 113).

Dados históricos sobre a cidade paraguaia de Pedro Juan Caballero apontam que esta seria a mais antiga na região, inclusive indicando que em dezembro de 1899 já começava a construção, às margens de uma lagoa local (Punta Porá), da primeira delegacia de polícia, o que até hoje é “[...] relacionado historicamente com a criação do Município de Pedro Juan Caballero; que só obteve reconhecimento político e militar por meio do Decreto de 30 de agosto de 1901.” (Nascimento, 2014, p. 112).

Atualmente a fronteira entre as cidades de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero revela um hibridismo de línguas (português, espanhol e guarani), culturas, moedas (real, guarani e dólar) e lugares. Existe, como que suspenso no ar, a rigidez da identidade nacional entre essas populações, enquanto uma referência “distante”, da mesma forma que são distantes suas capitais, Brasília e Assunção. Inclusive a fronteira em estudo possui peculiaridades que merecem destaque, como: funcionalidades formais e informais, por exemplo. Essa característica contextual de conturbação e proximidade entre os dois países (Brasil-Paraguai) cria para seus habitantes uma vida permeada por relações contraditórias de integração e separação.

Parafraseado Ferraro Junior e Buitoni (2011), existe naquela localidade uma identidade de fronteira comum, diferente da nacional, na qual as pessoas compartilham costumes e tradições advindos do contato internacional. Entretanto, também se destaca “[...] o fato de o espaço ser delimitado por dois territórios com diferentes jurisdições – submetidos a diferentes poderes – gerou identificações opostas, cada qual com o seu respectivo país.” (Ferraro Junior & Buitoni, 2011, p. 03). É nesse contexto de aproximação e conflitos que a fronteira em estudo se constitui, isto é, nessa ambivalência.

Também é sabido que nos documentos oficiais do governo federal brasileiro as duas cidades fronteiriças são consideradas como cidades “gêmeas”, sobretudo em função da integração física existente entre ambas (Brasil, 2005). Inclusive, conforme explicam Lamberti e Oliveira (2008), a linha de fronteira demarcatória constitui-se em uma estreita faixa de terra, com aproximadamente 13 km de extensão, tangenciada pela Avenida Internacional, no lado brasileiro, e pela Rua Dr. Francia, no lado paraguaio, conforme mostra a Figura 1.

Figura 1 – Mapa da fronteira Ponta Porã/ Pedro Juan Caballero.



Fonte: Google Maps.

Nesse contexto fronteiriço de cidades “gêmeas” é que Ponta Porã e Pedro Juan Caballero se estruturam e desenvolvem, portanto, estabelecendo “redes” comerciais e residenciais entre as diferentes nacionalidades ali existentes. Nascimento (2014) descreve que essas cidades se caracterizam por um grande fluxo de pessoas e de mercadorias, facilitado pela condição fronteiriça, o que oportuniza uma série de interações entre as pessoas daquela localidade. Portanto, a evidente conurbação entre os dois países (Brasil-Paraguai) cria para seus habitantes uma vida permeada por relações contraditórias de integração e separação. De forma resumida, como explica Nascimento (2014), ambas as cidades são gêmeas, entretanto “não univitelinas”, guardando suas características específicas.

Ressaltamos, também, que a disposição dessas cidades “gêmeas” com a sua fronteira seca, permite o transitar constante da população tanto em Ponta Porã, quanto em Pedro Juan Caballero, evidenciando o movimento “pendular” na região. Essa mobilidade ocorre em função de trabalho ou da busca de serviços públicos, como saúde e educação (é comum a criança residir em um país e estudar no outro, por exemplo), proporcionando uma significativa interação entre seus moradores, que compartilham vivências, costumes e valores, configurando uma territorialidade fronteiriça (Banducci Junior, 2011).

Nesse contexto, algumas dúvidas surgiram: como é a identidade nacional de estudantes nas regiões de fronteira do Brasil com os outros países da América do Sul? Esses alunos se identificam como brasileiros? Existe uma identidade híbrida entre eles? Sendo assim, o presente estudo tem a intenção de apresentar como a identidade local (fronteiriça) se relaciona com a identidade nacional (brasileira ou paraguaia), considerando uma conurbação gêmea no MS?

4. Metodologia

A pesquisa foi conduzida de acordo com os padrões éticos exigidos e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS (CAAE: 11923119.4.0000.0021/ Número do parecer: 3.354.431). Pensar e analisar metodologicamente o tema fronteira não é algo simples, o que demanda um olhar qualitativo sobre os elementos gerais do contexto e, ao mesmo tempo, um olhar sobre as singularidades que envolvem esses espaços fronteiriços. Nesse sentido, segundo Oliveira e Campos (2012, p. 18):

Nos estudos de fronteira, aspectos metodológicos revelam-se desafiadores, principalmente, pela sua genética multidisciplinar, demonstrando toda a grandeza do tema. Não haver uma metodologia específica significa, por um lado, um problema, pois obriga o estudioso a aceitar o imprevisto e, por outro, implica em uma solução, por não

permitir receituários, tão comuns nos estudos acadêmicos atuais. Dois traços metodológicos merecem considerações: os pressupostos generalizantes e a bibliografia.

Considerando o contexto em estudo e a problemática que envolve o tema fronteira, realizou-se uma pesquisa qualitativa do tipo descritiva, tendo como instrumento de produção de dados um questionário semiestruturado com cinco questões, sendo três fechadas (sobre local de residência, 1ª língua e língua falada nos horários de lazer) e duas abertas (a respeito da percepção sobre ser brasileiro ou ser paraguaio e ter parentes paraguaios).

Responderam ao questionário 66 alunos do 7º ano do ensino fundamental, todos com documento civil do Brasil, selecionados como amostragem por conveniência. Divididos em dois grupos de números iguais, considerando o local de moradia (Brasil e Paraguai), todos estavam matriculados uma escola da rede estadual de ensino, no município de Ponta Porã. Essa unidade escolar foi escolhida por ser a que tem maior proximidade geográfica com a linha demarcatória da fronteira (Brasil-Paraguai), ficando a 100 m (aproximadamente) do Paraguai. Optou-se por realizar a pesquisa com alunos do 7º ano, por estarem na faixa etária em torno de 12 anos, podendo responder ao instrumento sem auxílio dos pesquisadores.

O questionário foi aplicado por um professor da escola, durante o período letivo, que fez as orientações gerais transmitidas pelos pesquisadores, na qual os pesquisados poderiam escolher entre responder apenas uma das perguntas ou se desejarem as duas. Na questão sobre a língua falada com os amigos, também foi informado aos participantes que eles poderiam marcar mais de uma alternativa. Os discentes pesquisados levaram entre 15 a 30 minutos para responderem ao questionário.

Os dados obtidos foram categorizados e elaborados cinco quadros sobre os resultados das questões “fechadas”; para as questões “abertas” utilizou-se a análise de conteúdo, conforme apresentamos a seguir.

5. Resultados e Discussão

Os resultados foram sintetizados em quadros de forma ordenada para facilitar as análises e discussões sobre o tema. A primeira questão respondida pelos alunos relacionava-se com o seu local de residência. O Quadro 1 apresenta o local de residência dos alunos selecionados na amostra. Metade dos participantes do estudo mora no Brasil e a outra metade, no Paraguai. Do total de alunos, 56 afirmaram possuir parentes paraguaios, o que corresponde a 85% do total.

Quadro 1 – Local de residência dos alunos selecionados.

Ponta Porã (PP)	Pedro Juan Caballero (PJC)
33	33

Fonte: Dados da pesquisa.

Ao estudarem de que forma professores de língua portuguesa e alunos compreendem a diversidade linguística em sala de aula, em uma escola municipal na cidade de Ponta Porã, Brito e Barros (2014) indicam características semelhantes ao presente estudo, no que diz respeito ao local de moradia e parentesco com paraguaios. Segundo os autores, os alunos possuíam “[...] fortes características culturais paraguaias, pois são filhos, netos, bisnetos de paraguaios residentes ou não no Paraguai.” (s/pág.). Com relação ao local de residência, verifica-se que 65% dos participantes da pesquisa mora no Paraguai, algo comum nas escolas próximas à fronteira.

O Quadro 2 apresenta a primeira língua aprendida pelos alunos selecionados para o estudo. Vale lembrar que a língua é um dos componentes da identidade, tanto nacional quanto social. Duas questões foram levantadas sobre a língua que é falada pelos alunos: aquela usada para se comunicar em casa e para tratar com os amigos.

Quadro 2 – Primeira língua aprendida pelos alunos selecionados.

Local de Residência	Primeira Língua			Total	
	<i>Por tuguês</i>	<i>Esp anhol</i>	<i>Gu arani</i>		
P	1	28	05	00	3
JC	1	04	25	04	3

Fonte: Dados da pesquisa.

A primeira língua mais citada pelos participantes deste estudo é o português, para aqueles que declararam residir em Ponta Porã (28 participantes), e o espanhol (25 participantes), para os residentes no Paraguai, observou-se que além da língua espanhola, o guarani e o português foram igualmente citados (4 de cada) para esses alunos.

A primeira língua falada não necessariamente é aquela utilizada para a comunicação com os amigos, como mostra o quadro a seguir:

Quadro 3 – Língua falada entre os entrevistados para se comunicar com os amigos.

idade	Português	Espanhol	Guarani
P	28	15	02
JC	10	33	30
total	38	48	22

Fonte: Dados da pesquisa.

A língua mais utilizada para a comunicação com os amigos é o espanhol, para o total dos respondentes, embora o português seja superior para os residentes em Ponta Porã. Os alunos residentes em Pedro Juan Caballero se utilizam tanto do espanhol, quanto do guarani para conversar com seus amigos e, muitas vezes, a língua falada é o *jopara* (uma hibridização do castelhano com o guarani).

Dalinghaus (2009) afirma que essa situação é um fenômeno diglósico, já que a língua aprendida na educação formal, no caso dos pedrojuaninos, o espanhol, é mais usada na escrita e falas formais. Em estudo sobre o turismo em Ponta Porã, Martins (2007) tem na resposta de um dos seus entrevistados a confirmação do hibridismo linguístico na fronteira, particularmente quando afirma que na região: “[...] é uma cultura diferente, nós assimilamos a cultura brasileira e por isso somos diferentes. Somos únicos. Nossa linguagem é uma mistura” (Martins, 2007, p. 82).

Outro elemento importante que surge durante as análises é a expressão “*Yo soy brasileiro*” – como resposta mais dadas pelos moradores da fronteira, sobretudo aqueles que fazem o chamado “movimento pendular” na fronteira: vivem em Pedro Juan Caballero e estudam em Ponta Porã.

Nos municípios de Aceguá-RS e Aceguá (Uruguai) existe semelhança linguística com o que ocorre na fronteira Ponta Porã/ Pedro Juan Caballero. As práticas linguísticas fronteiriças, devido à proximidade e convívios do cotidiano, tornam-se línguas adicionais dos alunos (Pacheco, 2017).

Já Golin (2017) afirma que a situação na região fronteiriça de Corumbá (Brasil-Bolívia) é diferente, mesmo com iniciativas como o desenvolvimento do Programa Escolas Interculturais de Fronteira (PEIF). Segundo o autor, por exemplo, os alunos brasileiros, moradores no Brasil, têm muita resistência em usar o espanhol na comunicação.

Ao questionarmos aos estudantes de nossa pesquisa sobre como se sentem (brasileiro/ paraguaio/ brasileiro-paraguaio), apenas 15 responderam se sentir “brasileiros”, sendo todos eles residentes em Ponta Porã, enquanto 41 alunos afirmaram sentir-se “brasileiro-paraguaio”, ilustrando a hibridez identitária desse público. Vale notar, também, que nenhum dos entrevistados afirmou ser apenas “paraguaio”. Esses dados podem ser melhores visualizados no Quadro a seguir:

Quadro 4 – Sentir-se brasileiro e/ou paraguaio.

Cidade	Sentir-se brasileiro	Sentir-se brasileiro-paraguaio
PP	15	18
PJC	00	33
Total	15	41

Fonte: Dados da pesquisa.

Para os alunos que residem em Pedro Juan Caballero, conforme os dados obtidos no estudo, a sensação de ser “brasileiro” acontece quando eles estão na escola, já o sentir-se “paraguaio” vêm à tona quando eles estão em diferentes contextos (família, comendo comidas típicas, conversando com amigos, entre outros).

Outros elementos constitutivos da identidade são fatores importantes e aparecem nas respostas analisadas, tais como: a relação familiar, o bairro e as amizades. Alguns exemplos desses elementos podem ser observados nos seguintes relatos obtidos na pesquisa:

“Eu me sinto brasileiro quando vou à escola e me sinto paraguaio desde quando eu nasci.” (Participante 20 – Residente em PJC).

“Eu me sinto brasileira quando vou à escola e me sinto paraguaia quando como chipa e sopa paraguaia e converso em castelhano com meus amigos.” (Participante 12 – Residente em PJC).

Woodward (2000, p. 42) aponta que quando se autodetermina a preferência do que se come, acaba indicando quem se é e a cultura a qual se vive. O que fica evidente ao dizer que “a cozinha é o meio universal pelo qual a natureza é transformada em cultura [...] é uma linguagem por meio da qual falamos sobre nós próprios e sobre nossos lugares no mundo.”

Diante dos diferentes dados elencados neste trabalho, observa-se que a convivência na fronteira com integração particular é um espaço de diferentes identidades, sobretudo a escola de fronteira deveria ser um espaço de apoio e respeito à diversidade cultural. Embora, assim como acontece em Aceguá, os alunos da fronteira Ponta Porã/ Pedro Juan Caballero possuem um sentimento de não pertencimento, “[...] do lugar de conforto, ao mesmo tempo em que gostaria de identificar-me com esse que tento negar.” (Alvarez, 2016, p. 109).

6. Considerações Finais

Na fronteira estudada emana uma identidade híbrida, o *fronteiriço*, principalmente para aqueles que lá vivem, bem como possuem pais (mãe brasileira e pai paraguaio ou vice-versa) e/ou parentes próximos em um dos países limítrofes. As informações coletadas e discutidas demonstram que muitas vezes o sujeito se encontra entre duas identidades, uma é a sua identidade nacional, e a outra é a identidade *fronteiriça*.

Os dados obtidos e analisados permitem afirmar que o estudante que reside no Paraguai assume muito mais essa hibridez identitária do que os alunos residentes no Brasil, já que o fazem em menor número. Essa constatação pode ser explicada à luz do que Batista Gonçalves (2011) apresenta, ao afirmar que na fronteira ocorre um cruzamento de identidades distintas, que se reelaboram, se distanciando do marco de referência, especialmente os conceitos “puros” de identidades nacionais.

Vale também ressaltar que todos os alunos desse estudo são “brasileiros” (possuem documentação oficial), mas percebem-se diferentes em relação às suas identidades. A identidade local apresenta-se muito mais forte entre eles, já que são *fronteiriços*.

Assim, algumas importantes questões ficam no ar, por exemplo, no campo educativo, tais como: diante dessa realidade fronteiriça, como as diferentes escolas desta região trabalham a questão da identidade? Como elas conduzem uma discussão sobre a Guerra do Paraguai? São apresentadas as diferentes versões, os dois lados da história? Como respeitar e valorizar as diversas formas de se falar na região? Como são as atividades esportivas e sua influência sobre a imagem corporal nesta localidade?

Diante de um universo tão singular que é a fronteira com integração internacional, sugere-se, por exemplo, que no campo educativo a escola se reinvente para atender as diferentes demandas e se torne um lugar acolhedor para todos. Assim, utopicamente, acredita-se que a escola nessa região de fronteira não seja apenas um espaço de afirmação da identidade nacional, sobretudo criando uma imagem de que ser brasileiro é superior. Por fim, futuras pesquisas poderão investigar como professores e gestores percebem a relação entre identidade local (*fronteiriça*) e identidade nacional (brasileira ou paraguaia) no contexto esportivo e escolar.

Referências

- Alvarez, I. M. J. (2016). *O (in)cômodo hibridismo linguístico dos alunos na fronteira Brasil/Uruguai: o desafio docente*. 2016. Tese de Doutorado em Letras – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas.
- Banducci Jr., A. (2011). Turismo e fronteira: integração cultural e tensões identitárias na divisa do Brasil com o Paraguai. *PASOS: Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*. 9(3), 7-18.
- Batista G. K. (2011). A fronteira e seus paradigmas: identidade e alteridade, *Contribuciones a las Ciencias Sociales*. <https://www.eumed.net/rev/cccss/15/>
- Brasil. (2005). Ministério da Integração Nacional. *Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira (PRPDDF)*. Bases de uma Política Integrada de Desenvolvimento Regional para a Faixa de Fronteira. Brasília, DF.
- Brito, A. M. S., & Barros, A. L. E. C. (2014). Preconceito linguístico dentro da sala de aula Brasil/Paraguai. *Revista Philologus*, n. 60, supl. 1, set./dez.
- Cuche, D. (2002). *A noção de cultura nas ciências sociais*. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC.
- Dalinghaus, I. V. (2009). *Alunos brasiguaios em escola de fronteira Brasil/Paraguai: um estudo linguístico sobre aprendizagem do português em Ponta Porã*, MS. Dissertação de Mestrado em Letras, Linguagem e Sociedade – Unioeste, Cascavel.
- Driessen, H. (1998). The ‘new immigration’ and the transformation of the European-African frontier. In: Wilson, Thomas M.; Donnan, Hastings (org.). *Border identities: nation and state at international frontiers*. Cambridge : Cambridge University Press, p. 96-116.
- Farinha, M. J. U. S., Bernardo, L. V. M., Lima, M. S. A. de, & Goettert, J. D. (2020). Considerações referentes às interações populares realizadas na fronteira do Brasil com o Paraguai e a Argentina. *Research, Society and Development*, 9(8), e907986131–e907986131. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i8.6131>
- Ferraro Jr., V. G. & Buitoni, M. M. S. (2011). A integração na fronteira seca: Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai). In: *Reunião da SBPC*. 63. Goiânia. Anais eletrônicos [...]. Goiânia. http://www.pucsp.br/iniciacaocientifica/20encontro/downloads/artigos/vicente_ferraro.pdf.
- Foucher, M. (1991). *Fronts et frontières*. Paris: Fayard.

- Golin, C. H. (2017). *Educação física escolar na fronteira Brasil-Bolívia: desafios e dilemas interculturais*. Tese de Doutorado em Educação Física – Universidade Católica de Brasília, Brasília.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- Hass, H., & Fokkema, T. (2010). Intra-household conflicts in migration decision making: return and pendulum migration in Morocco. *Population and Development Review*, v. 36, n. 3, p. 541-561.
- Lamberti, E., & Oliveira, T. C. M. (2008). As trocas, a territorialidade e o ambiente na fronteira Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai). In: OSÓRIO, A. N.; Oliveira, T. C. M. (org.). *América Platina: textos escolhidos*. Campo Grande: UFMS. V. 1. p. 75-97.
- Machado, L. O. (1998). Limites, fronteiras, redes. In: Strohaecker, T. M. (org.). *Fronteiras e espaço global*. Porto Alegre: AGB. p. 41-49.
- Martins, P. C. S. (2007). *A formação do território turístico de Pedro Juan Caballero (Paraguai)*. Dissertação de Mestrado em Geografia – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauana.
- Mendonça, L. A. (2005). Parques Nacionais do Iguazu e Iguazú: uma fronteira ambientalista entre Brasil e Argentina. In: Oliveira, R. C., Baines, S. G. (org.). *Nacionalidade e etnicidade em fronteiras*. Brasília: Editora UnB, p. 117-135.
- Nascimento, V. A. (2014). Fronteiriço, brasileiro, paraguaio ou brasiguai? Denominações identitárias na fronteira Pedro Juan Caballero (PY) e Ponta Porã (BR). *Ilha*, v. 16, n. 1, p. 105-137, jan./jul.
- Oliveira, H. L. da R., Balk, R. de S., Graup, S., & Muniz, A. G. (2020). Percepções sobre saúde mental de professores e professoras de uma escola pública da fronteira oeste do Rio Grande do Sul. *Research, Society and Development*, 9(4), e171943060–e171943060. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i4.3060>
- Oliveira, M. A. M., & Campos, D. L. (2012) Migrantes e fronteira: lógicas subvertidas, vidas refeitas. In: Pereira, J. H. V., & Oliveira, M. A. M (org.). *Migração e integração: resultados de pesquisas em Mato Grosso do Sul*. Dourados: UFGD.
- Oliveira, M. A. M.; Corrêa, J. M.; Oliveira, J. C. (2017). Imigrantes Pendulares em região de fronteira: semelhanças conceituais e desafios metodológicos. *Revista Direito Cultural*, v. 12, n. 27, p. 91-108.
- Pacheco, C. S. (2017). Como definir o falar da fronteira Brasil-Uruguaí? *(Con)textos linguísticos*, v. 11, p. 9-26.
- Ramalho Júnior, A. L. (2011). Fronteira: lugar de ambiguidade, conflitos e soluções. In: Costa, G. V. L.; Siqueira, K. S. M.; Oliveira, M. A. M. (org.). *Fronteiras: conflitos, integração e políticas públicas*. Campo Grande: Ed. UFMS, p. 29-43.
- Sayad, A. (1998). *A imigração: os paradoxos da alteridade*. Trad. Murachco, C. São Paulo: Edusp.
- Vieira de Jesus, D. S. (2010). O baile do monstro: o mito da Paz de Vestfália na história das relações internacionais modernas. *História* (São Paulo), UNESP, v. 29, n. 2, p. 221-232.
- Woodward, K. (2000). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Silva, T. T. (org.); Hall, S., & Woodward, K. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes.